

**Temas que acontecem:
operações entre jornalismo
de revista e qualidade de vida**

Frederico de Mello Brandão Tavares

OS JORNALISMOS E SUAS CO-INCIDÊNCIAS

Quando se fala em jornalismo recorre-se, frequentemente, à associação de duas noções: atualidade e periodicidade. Ambas são responsáveis pela existência de uma definição corrente para a prática jornalística que é a de cobertura e vigilância regular sobre os acontecimentos do mundo. Diz-se por jornalismo como o “fazer notícias” e, por jornalistas, como aqueles que olham para o mundo em busca do novo, da novidade.

No âmbito do jornalismo diário e semanal, podemos falar mais usualmente em notícias. Não só pela dimensão e repercussão que se propõe para a cobertura cotidiana dos fatos, mas pela própria dinâmica espaço-temporal que envolve a sua produção. Tanto no que diz respeito às características dos veículos que a realizam, quanto ao teor e ao tipo de assuntos a serem tratados.

No entanto, quando avançamos sobre outras formas concretas (materiais e discursivas) de atuação jornalística, é preciso entender o jornalismo para além das notícias. Não no que estas estruturam, desvelando-as, mas naquilo que é jornalístico sem ser “propriamente noticioso”. Além de ser uma “uma palavra especializada sobre o mundo”, como nos ressalta França (1998)¹, por estar inserido num dispositivo institucional e discursivo, o jornalismo é também segmentado. Tanto tematicamente (por voltar-se para campos distintos de conteúdo, organizando através deles a vida social), quanto tecnologicamente (variando e singularizando-se de um veículo para o outro).

Baseado neste contexto, este artigo pergunta sobre as especificidades que marcam o encontro do jornalismo especializado de revista com a temática da qualidade de vida na sociedade. Dirigimos nosso foco para a revista *Vida Simples*, representante hoje, na mídia impressa nacional, de um “sofisticado” tipo de jornalismo voltado para o bem-viver.

Partimos da ideia de que a qualidade de vida, tema muito presente no contexto da mídia contemporânea, ao ser trabalhada pelo jornalismo especializado de revista, conduz este

¹ Outra autora que lida com essa noção é Mar de Fontcuberta (1993: 123): “La especificidad de la profesión de periodista pasa asimismo por convertirse en un verdadero especialista con capacidad para seleccionar, valorar y comunicar con rapidez el contingente de informaciones generadas en las diferentes áreas de conocimiento de la realidad social que configuran hoy la información periodística”.

jornalismo para uma apropriação de temporalidades mais extensas, de grandes conjunturas sociais e subjetivas, alterando e configurando uma outra relação do jornalismo com o principal referente da produção noticiosa: o acontecimento.

Em *Vida Simples*, a temática da qualidade de vida aparece “temporalizada” como algo que acontece, que não é um assunto estático do qual se elege um aspecto para o relato jornalístico. Nesse sentido, os relatos (visuais e textuais) produzidos pela cobertura do bem-estar na sociedade parecem não estar apenas enquadrados jornalisticamente, mas revestir o próprio jornalismo de outros enquadramentos. Um incidindo sobre o outro.

O JORNALISMO E A QUALIDADE DE VIDA NA SOCIEDADE: UM CIRCUITO MIDIÁTICO

A preocupação com a qualidade de vida não é algo novo na história humana e social. Desde as antigas civilizações estabeleceram-se formas e padrões de vida cujos enfoques tinham, entre muitos objetivos, formatar um padrão de vida condizente com valores e questões materiais ligadas a determinados contextos e culturas. De um ponto vista antropológico, podemos dizer que o bem-viver está diretamente relacionado ao ethos de uma sociedade (Geertz, 1989).

No âmbito científico, as Ciências Humanas e Sociais em geral têm revelado, ao longo do tempo, como hábitos, manifestações simbólicas e discursivas são reveladores de anseios sobre o bem-estar coletivo e individual, marcando o “espírito do tempo” de certa época e local, deixando à mostra suas temporalidades e espacialidades.

Nesse sentido, compreender a qualidade de vida na atualidade significa saber contextualizá-la de acordo com aspectos espaciais e temporais que constituem a sociabilidade contemporânea. Segundo Michel Maffesoli (2003), haveria hoje uma inversão na polaridade temporal que confere presença à vida, valorizando-se o presente. Estaríamos na “passagem de um tempo monocromático, linear, seguro, o do projeto, a um tempo policromático, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao utilitarismo do cômputo burguês” (Maffesoli, 2003, p.9). Um tempo de uma mudança cultural, cujo eixo encontra-se na valorização do instante, fazendo deste, paradoxalmente, um instante eterno.

Neste cenário, como lembram outros autores², passam a atuar, a partir das instituições, uma série de discursos terapêuticos que visam a intermediar a busca pelo restabelecimento de certa normalidade para os indivíduos e a coletividade em geral.³ Como se

² Bauman, 1998, 2001, 2007a, 2007b; Giddens, 1991, 2002; Lipovetsky, 2004; Rüdiger, 1996.

³ Berger e Luckmann (2004) relembam o conceito de “instituições intermediárias” de Durkheim e dizem caber a estas o papel de mitigar os aspectos negativos da modernização (alienação, anomia) ou de colaborar na superação das crises de sentido que passam surgir. Exemplos desses atores seriam: uma comunidade eclesial, um grupo psicoterapêutico, ou uma Secretaria de Estado de Bem-Estar.

aponta, no complexo quadro de crise daí formado, surgem novas variáveis que demandam ações de diversos atores institucionais. Estes passam a veicular e publicizar “opiniões bem pensantes”, “[...] todas tingidas de um moralismo distinto que indica o que se tem de pensar, dizer ou fazer [...]” (Maffesoli, 2003, p.14).

Um destes atores – relevante em representatividade e poderio político, econômico e simbólico – é justamente a mídia. Procurando atuar na orientação do comportamento e na formatação de maneiras “corretas e saudáveis” de viver o presente, os meios de comunicação parecem adquirir uma força centrípeta no que diz respeito à abordagem crível de uma quantidade relativa de assuntos sobre comportamento, consumo etc.

Neste contexto, no entanto, se nos voltamos para o jornalismo, esmiuçando suas particularidades e seus diferentes tipos de materializações, bem como suas relações com audiências específicas, este viés terapêutico torna-se uma ferramenta insuficiente para pensarmos a relação que a mídia assume com discursos sobre o bem-viver na sociedade. Isto porque, além de dizer e pontuar certas normatizações, o próprio contexto midiático formado nesta relação sugere novas compreensões. Mais que olhar (apenas) para os significados de qualidade de vida estampados e construídos no/pelo jornalismo, torna-se necessário observar como este último encontra-se acionado pela temática por ele abordada, ao mesmo tempo em que se dirige a ela. Um circuito que denota, de certa forma, a complexidade do processo de midiatização aí envolvido, apontando para maneiras específicas de se pensá-lo.

O JORNALISMO ESPECIALIZADO DE REVISTA E A QUALIDADE DE VIDA

A partir do cenário acima traçado, se nos voltamos para o jornalismo especializado de revista, uma questão central do fazer jornalístico coloca-se em cheque. Por voltar-se principalmente para uma cobertura temático-especializada sobre a vida social, este jornalismo desvincula-se do extra-ordinário da vida social e elabora outras formas de leitura sobre o cotidiano. O fazer “revistativo” (Tavares, 2008) das publicações de periodicidade mais ampla muda a lógica “propriamente noticiosa” e inaugura outros processos. O que não quer dizer, entretanto, que seu eixo jornalístico se perca do seu referente principal, o acontecimento. Este passa a ser visto e constituído de outra forma.

As revistas (principalmente aquelas que direta ou indiretamente tratam do comportamento humano), por elegerem temas e nichos de mercado para sua atuação, tentando abarcar certos padrões culturais que permeiam a sociedade (Mira, 2001, 2004), mapeiam aspectos de temporalidades e espacialidades sociais que correspondem não a questões propriamente factuais, mas a uma conjuntura.

Neste contexto, entre as publicações brasileiras, destacamos um periódico específico: a revista *Vida Simples* (Editora Abril). Diferentemente de outras publicações que tratam da temática da qualidade de vida, sua temporalidade diz, explicitamente, muito mais de um “espírito do tempo” do que de um fato isolado, algo corrente no jornalismo. Mais que “matérias frias” ou “de gaveta” – para usar o jargão jornalístico –, suas formas discursivas lidam (de forma mais explícita) com tópicos que permeiam temporalidades sociais e individuais mais extensas que, para além do assunto propriamente dito, dizem respeito também à interpretação de questões intersubjetivas e, muitas vezes, mais abstratas.

No caso desta publicação, os “acontecimentos” referem-se a contextos muito mais amplos, cujos tempos e espaços se constituem por situações e conceitos que são enquadrados jornalisticamente de acordo com parâmetros de público, circulação e de entretenimento. Todos estes direcionadores do perfil da revista. Em *Vida Simples*, a qualidade de vida encontra-se materializada em textos e construções gráficas norteados por “grandes temas” (Amor, Tranquilidade, Maturidade, Confiança, Amizade, Religiosidade etc)⁴ que se configuram como os grandes referentes da publicação, “acontecendo” na realidade social e “fazendo acontecer” uma cobertura jornalística diferenciada.

A REVISTA *VIDA SIMPLES*

“Nosso lema é ‘Para quem quer viver mais e melhor’. O que significa isso?” A frase e a pergunta do redator-chefe de *Vida Simples* presentes na carta enviada aos assinantes da revista junto à edição extra de dezembro de 2007 (nº 61) – cuja matéria de capa diz “Não deixe a peteca cair” – são simbólicas para se pensar a questão que perpassa este artigo. Se para a revista o significado do bem-viver aparece, mensalmente, construído em suas páginas, para nós, e de outra forma, este mesmo significado, aquele que se pode buscar, presentifica-se na “construção do que é construído”. Ou seja, nos processos midiáticos e jornalísticos que são enredados por (e em) *Vida Simples* a partir de sua temática-chave, a qualidade de vida.

Nesse sentido, e relevando “o que significa isso” (essa qualidade de vida...), cabe uma outra pergunta: como pensar a “grande temática” de *Vida Simples* no que nela há de operador? Melhor dizendo: como pensá-la a partir de suas operações e seus arranjos no que diz respeito ao jornalismo que para ela é feito e “por ela” engendrado?

Avançando sobre estas questões, uma trama conceitual e investigativa parece se formar. Se observamos a revista e tomamos a qualidade de vida como o resultado da justaposição de uma série de eventos presentes no cotidiano da sociedade contemporânea⁵, temas e acontecimentos

⁴ Ver <http://vidasimples.abril.com.br>.

⁵ Sobre o conceito de qualidade de vida, ver Coimbra (1972).

parecem “promover”, em sua junção (tema + acontecimento) e materialização (na revista), a “fundação” de um certo bem-viver que, além de referente jornalístico – da publicação que tomamos por objeto –, se torna articulador de várias de suas operações.

Os temas⁶ elencados pelo redator-chefe na carta ao assinante – acima citada – parecem configurar um conjunto de fragmentos que fazem emergir, em sua precipitação sobre a superfície da publicação, a leitura de uma “conjuntura acontecimental” de nosso mundo hodierno, urbano e diverso. É como se na fala da revista (e de seu redator-chefe) despontassem valores e hábitos que compõem um sentido para uma simplicidade a ser vivida (o viver bem, “em resumo”), mas em seu conjunto, ou pela lógica que envolve o mesmo, houvesse algo “maior”, “menos simples”, jornalisticamente complexo.

Em entrevista realizada em setembro de 2008 com Leandro Sarmatz, redator-chefe da publicação⁷, este afirmou que se observamos a trajetória editorial de Vida Simples, os “grandes temas” da revista⁸ – correspondentes às suas matérias de capa – são indicativos de uma compreensão de cerca de 50% de seu conteúdo. Segundo Sarmatz, as matérias das outras seções, como a seção “Comer”, por exemplo (uma seção que embora “esporádica”, está presente em 86% das edições já publicadas), focam também temas que compõem, de forma significativa, a “qualidade de vida” proposta pelo periódico.

Como aponta o redator-chefe, os “grandes temas” tinham por propósito original (nas primeiras edições da revista⁸) “explicar o que era um assunto, um comportamento”. Posteriormente, mais que explicar, dizendo apenas o que é, a revista passou a “desconstruir algumas questões, tentando entendê-las de forma mais elaborada”.⁹ Segundo Sarmatz, adotou-se um viés de cobertura orientado para a problematização sobre um certo tema. O amor, por exemplo (edição nº 24, janeiro de 2005), foi assim “desconstruído”: existe amor, e se existe o que é, e se não existe, por quê? O que é paixão, quando o amor é paixão? Quando que a paixão vira amor?¹⁰

Dessa fase “desconstrutiva”, diz Sarmatz, a revista caminhou para um certo equilíbrio entre a “informação útil” e a “desconstrução”. O que significaria, a nosso ver (e de fato), uma maior definição entre o que cabe às suas seções (antes e hoje): mais serviço ou mais comportamento, respectivamente. Além disso, um outro fator acrescentou a esse binômio (utilidade – desconstrução) uma melhor definição editorial (o que, segundo Sarmatz, marca a atual 3ª fase da

⁶ A “saúde mental e física”, os “relacionamentos genuínos entre todos os seres”, o “cultivo à amizade”, “o respeito à cidade e à natureza, em qualquer momento, seja no inverno, seja no verão”.

⁷ Entrevista realizada em setembro de 2008 em Porto Alegre (RS).

⁸ A denominação “Grandes Temas” é dada pela própria revista. Ver: <http://vidasimples.abril.com.br/>.

⁹ *Vida Simples* surgiu como edição especial da revista *SuperInteressante*. Publicada pela primeira vez em agosto de 2002, desde setembro de 2003 circula mensalmente como publicação autônoma, com perfil editorial e equipe de redação própria. A edição de abril de 2009, que corresponde ao período de finalização deste artigo, é a de nº 78.

¹⁰ Sarmatz atribui, como marco dessa mudança, a fase iniciada com a entrada do jornalista Rodrigo Vergara como supervisor de redação. O que acontece, se observamos o histórico da publicação, a partir da edição de fevereiro de 2004 (nº 14).

revista). Desde a edição de nº 40 (abril de 2006), cuja capa se referia a “como viver bem na cidade”, há uma forte ligação do “serviço” com a gentileza urbana. O redator explica essa configuração:

O nosso leitor é urbano. Quem já vive na roça não precisa ler *Vida Simples!* É o leitor urbano quem geralmente fica sonhando: ‘Ah! Quando eu tiver uma casinha no campo...’ [...] É bom ter uma casa no campo, mas se você vive numa cidade, então tente transformar esse lugar onde você vive num lugar mais potável, mais sociável; ajude a transformar seu condomínio, o seu bairro, suas redondezas. A gente aposta cada vez mais nesse binômio: de desconstruir os grandes temas, tentar entender o que está acontecendo, e dar dicas de como viver melhor na cidade [Grifos nossos].

Tal “atitude”, segundo Sarmatz, não seria algo somente de *Vida Simples*, podendo ser encontrada também em revistas semanais como *Época*, *Veja*, *IstoÉ*. Hoje, aponta, o clima cultural está “muito favorável” ao que a revista já dizia desde o seu surgimento (em 2002). No entanto, complementa, a diferença de *Vida Simples* frente a tais publicações (e frente à própria publicidade em geral) estaria em sua postura “mais guerrilheira”, mais explícita. E a questão da “urbanidade”, nos dias atuais, mais que os próprios grandes temas, seria um fator decisivo para este diferencial.

No entanto, se a “urbanidade” coloca a revista numa espécie de prestação de serviço sobre a qualidade de vida, resvalando aí, muitas vezes, em padrões de comportamento, pensamos que é na manutenção dos grandes temas uma cobertura como os grandes referentes da publicação e na maneira como os mesmos são tratados pela publicação é que se encontra um de seus diferenciais. Já que, muito mais do que o conteúdo (pois várias publicações lidam com este novo “filão” do bem-viver, como aponta Sarmatz), enxergamos na construção do mesmo na revista – e nas afetações sobre ela – uma singularidade. Na variedade das matérias de capa¹¹ e no que se pode mapear a partir delas, mais que o serviço e o comportamento (explicação e a desconstrução), existem elementos que tangenciam questões conceituais que atravessam a prática jornalística. Aspectos do que seria o acontecimento (jornalístico ou não) e das lógicas do temário e da tematização periodísticos são tensionados. Assim, antes de apontarmos faces da materialidade desses processos em *Vida Simples*, retomaremos brevemente a seguir algumas destas noções.

SOBRE TEMAS E ACONTECIMENTOS

Na relação entre jornalismo e realidade, essa última encontra-se, tradicionalmente, dividida em dois possíveis referentes jornalísticos, o tema e o acontecimento, com destaque para este último. Jorge Pedro Sousa (2002) reconhece essa relação e diz que os principais referentes dos

¹¹ As matérias de capa de *Vida Simples*, vale reafirmar, são norteadoras dos conteúdos de cada edição, bem como podem ser tomadas como exemplares para se pensar a revista como um todo em termos editoriais e temáticos.

discursos jornalísticos são além de acontecimentos, também ideias e temáticas. Mas, como afirma o autor, sobre estes dois últimos, sobre os processos que os mesmos passam a envolver quando inseridos no jornalismo, pouco se tem explorado (o que não significa a inexistência de alguns estudos). Os acontecimentos, pela sua notoriedade, são a base para a produção noticiosa (e, por isso, também, para a reflexão sobre o jornalismo), gerando-a ou, inclusive, sendo gerados por ela.

O TEMA ENTRE O TEMÁRIO E A TEMATIZAÇÃO

A noção de tema no jornalismo, menos que tratada pelo significado que envolve o mesmo (o sentido do tema em questão), é vista pela ótica da relação que tal tema possui com o público para o qual ele se volta.¹² “Predominantemente la teoría de la construcción del temario se basa en la investigación de las relaciones entre los temas que han sido enfatizados como destacados por los mass media y los temas que son importantes para el público” (Alsina, 2005: 98).

Originada na ideia da *agenda-setting*, tal visada baseia-se na perspectiva de que se não é possível dizer às pessoas como pensar, os meios podem dizer sobre o que pensar. Os meios de comunicação exerceriam, segundo a teoria da agenda, como aponta Traquina (1995), o “enquadramento” de assuntos que devem circular em uma determinada sociedade, mapeando e constituindo uma pauta de temas que deveriam estar na “ordem do dia”.

Nas últimas décadas (pós-anos 1970), muitos dos aspectos apontados por essa perspectiva “sofreram” uma série de revisões¹³, ganhando mais complexidade; principalmente dos pontos de vista social e cultural, que buscam apontar para elementos outros da relação mídia e sociedade. No entanto, independentemente de tais críticas, como aponta Alsina (2005), a “teoria da construção do temário midiático” está constituída de três grandes componentes – o temário dos meios (*media agenda*), o temário do público (*public agenda*), o temário político (*policy agenda*) – e o vínculo entre os três. E muito do que se discorreu sobre estes nos últimos anos faz com que a “teoria da construção do temário midiático” siga sendo um instrumento útil no estudo da influência dos meios de comunicação.

No caso de nosso trabalho, menos que pensar essa influência, desponta a necessidade de pensar como um tema e sua relação com um tipo de jornalismo específico modificam (engendrando e redimensionando) a relação entre jornalismo e sociedade a partir de certas temáticas. Nesse sentido, um aspecto levantado por Alsina (2005), sobre o “temário dos meios”, torna-se bastante importante para se pensar a problematização aqui realizada.

Como diz o autor, ao se estudar os temas na ótica da relação mídia e sociedade

¹² Sobre um aprofundamento reflexivo da noção de tema no jornalismo, ver também Tavares; Schwaab, 2009.

¹³ Ver Sousa (2002).

(meios e públicos), há que se relevar que cada meio desempenha uma função própria dentro do “ecossistema comunicativo”.¹⁴ Tais funções, mais que simples aforismos (como “o rádio informa”, “a televisão ilustra” e “a imprensa explica”), devem ser tomadas em consideração a partir de três grandes elementos fortemente relacionados: a natureza tecnológica dos meios, a morfologia e a tipologia da informação por eles engendrada, e os modelos de uso dos meios; todos associados à credibilidade dos mesmos (relacionada a seu contrato enunciativo, sua enunciação e seu enunciado). Assim, se voltamos nosso olhar para a qualidade de vida, menos que considerar o temário dos meios em relação ao temário do público e o temário político (triade original da teoria do agendamento apontada por Alsina), é válido pensar como, em *Vida Simples*, tema e meio inauguram e fazem emergir uma série de processos e sentidos.

A relação dos meios com o público a partir dos temas também encontra-se apontada em outra corrente teórica, a da chamada “teoria da tematização”. Como aponta Sousa (2002), a teoria da tematização é significativamente próxima à teoria do agenda-setting, embora apresente algumas diferenças em seus aspectos centrais: a divergência de sua fundamentação teórica, a contextualização mais abrangente do processo de inscrição dos temas na agenda pública, a vinculação com as transformações tecnológicas e políticas e uma metodologia mais qualitativa (dada sua natureza mais especulativa e menos aplicada). Da revisão bibliográfica realizada por Sousa (2002) sobre as reflexões de Enric Saperas e Niklas Luhmann, uma ideia “luhmanniana” merece destaque. Em síntese, a de que, ao atuar como mecanismo de formação da opinião pública, a tematização “opera sentidos” sobre os “temas da e na sociedade”.

Uma última perspectiva sobre o tema – talvez a que mais o pense em termos de “conteúdo” – apresenta-se na reflexão de Mar de Fontcuberta (2006), que se refere ao temário como o conjunto de pautas (ou a pauta ela mesma) dos meios de comunicação jornalísticos diários. Segundo a autora, dois eixos sustentam a formulação da pauta de um diário ao mesmo tempo em que nos ajudam a refletir sobre a complexidade de sua lógica: um eixo geográfico e um eixo temático. O primeiro deles, configurado pela proximidade com a audiência; e o segundo eixo, configurado principalmente pela especialização.¹⁵

Assim, observando do ponto de vista das demandas do público, bem como da

¹⁴ Alsina (2005) chama a atenção para os aspectos do temário dos meios num tom de crítica às formulações de McCombs e Shaw em sua teoria do agendamento e também em suas revisões sobre a mesma. Para o autor, os dois pesquisadores estadunidenses não formulam elementos convincentes que deem conta de apontar para a diferenciação entre os meios e a influência de tais diferenças no que diz respeito aos “efeitos dos *media*” sobre o público. A professora Mar de Fontcuberta também relembra este papel conformador dos meios dizendo que o produto jornalístico “proporciona la forma y la lógica a través de la cual el contenido se organiza y se presenta. [...] Los distintos formatos que imperan en los medios, son un tipo de código reconocido por el público que identifica determinadas señales con determinados contenidos” (Fontcuberta, 2006, p.65). Sousa (2002).

¹⁵ Fontcuberta (2006) associa a especialização jornalística às áreas ou seções (sistemas e subsistemas, segundo a autora) de cada periódico, dizendo que nelas se encontra o sentido de seus conteúdos, ou melhor, “la calidad y la coherencia del temario”.

organização de um meio por uma pauta (e para ela) é que podemos voltar (tendo também como referência as reflexões sobre as noções de tematização e agenda) nossa atenção para o acontecimento jornalístico. Olhando brevemente para tal referente, que também é matéria-prima para as teorias acima citadas, será possível trazer alguns aspectos para pensarmos o conteúdo de “nossa revista”. Seja pela qualidade de vida (enquanto pauta e referente social) e por suas operações temáticas e midiáticas (em relação à revista como meio de comunicação), seja pelo tensionamento das mesmas junto ao acontecimento (sua natureza e temporalidade).

O ACONTECIMENTO E O JORNALISMO

Pode-se dizer que a noção de acontecimentos jornalísticos atribui a estes, como ponto comum, um caráter “notável”. E, por isso, pela sua notoriedade, tais acontecimentos seriam a base para a produção noticiosa, gerando-a ou, inclusive, sendo gerados por ela. Como aponta Adriano Rodrigues (1993), a notícia seria um meta-acontecimento discursivo que se dedica a falar sobre um outro acontecimento, um acontecimento extra-ordinário, singular e concreto que irrompe na tessitura da realidade. Assim, com base em tal lógica, os acontecimentos são transformados em notícia pelo sistema jornalístico, sendo a notícia a unidade discursiva desse sistema.

Maurice Mouillaud (2002), ao lembrar a atuação do jornalista como interlocutor entre a sociedade e ela mesma, mediando o mundo, aponta para a presença deste numa cadeia ampla de sentidos. Segundo o autor, o profissional da redação olha para o que está a sua volta (e para quem está sua volta) sabendo que sua ação, mais que iniciar um processo, insere-se em uma rede da qual o produto impresso é apenas um componente. E o mesmo vale para os referentes jornalísticos, os fatos e acontecimentos. “Os acontecimentos explodem na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível. Mas põem em ressonância os sentidos que nela são inscritos” (Mouillaud, 2002, p.50).

Como aponta o autor, os acontecimentos devem ser vistos como pertencentes a processos de informação anteriores a eles, existentes na dinâmica espaço-temporal da sociedade, sendo, uma vez na mídia, componentes de um ciclo ininterrupto de transformações. Por isso, para a sua apreensão, o acontecimento é enquadrado, jornalisticamente, por meio de uma série de fragmentos, pequenas “cenas jornalísticas” que apontam, no caso da mídia, para a não sujeição da mesma (uma não passividade) frente às formas e lógicas dos acontecimentos que lhe seriam prévios. Ocorrendo, do resultado dessa operação, pela dupla face da informação (o visível e o oculto), uma construção de sentido que não se esgotaria também na materialidade do jornal e de seus conteúdos informativos.

As ideias acima são condensadoras de dois aspectos importantes da “complexidade”

do acontecimento jornalístico. 1) Além de uma ideia de construção social da realidade promovida pelo jornalismo, o que incluiria a ideia de uma construção jornalística de acontecimento (ou de acontecimento como construção jornalística, revestido de sentidos), 2) devemos pensar o acontecimento como algo ligado a um tempo social, a um contexto mais amplo que, quando mediado (pela mídia), assume graus distintos de visibilidade, de sentido e de importância.

Muniz Sodré e Raquel Paiva (2005, p.100), ao refletirem sobre o fato e o acontecimento no jornalismo, afirmam que “um jornalismo que não consiga ultrapassar, ainda que minimamente, a aparência das coisas, não possui outro papel além da tão criticada ratificação declaratória da realidade”. Para tal operação vale pensarmos que, para além da elevação midiática de um acontecimento, operação comum da mídia que lança um certo fato para um espaço de notoriedade, o mais relevante é caracterizar o próprio acontecimento e sua relação com a contemporaneidade. Nesse viés, como afirma Marialva Barbosa (2002), o acontecimento, deve-se lembrar, é “[...] resultado de uma lenta estruturação cultural e de fatos sociais reais”.

A perspectiva da autora, que tem grande influência dos estudos da História, nos faz lembrar, metodologicamente, a compreensão de tempo que permeia o acontecimento. Como aponta Peter Burke (1992) ao refletir sobre o “retorno da narrativa” na História, caberia a essa disciplina, hoje, saber “mesclar” a primeira ideia de narrativa (ligada a um “momento historiográfico” que valorizava as descrições sobre os acontecimentos) àquela que, em vez de fatos, buscou as estruturas (segundo momento). Desta “mistura” alcançar-se-ia uma nova narrativa, uma “descrição densa” do tempo e dos acontecimentos nele “espalhados”.¹⁶

Essa “densidade” temporal que entrecruza os acontecimentos também encontra-se presente, de outra forma, nas reflexões do sociólogo francês Louis Quéré (2005). Este autor, ao refletir de maneira filosófica sobre o poder hermenêutico do acontecimento, aponta para o papel revelador que o mesmo possui. O acontecimento, sublinha Quéré, diz respeito ao mundo, à experiência, à campos problemáticos (temas e âmbitos sociais); situando-se na trama e na intriga formada por estes aspectos. Sua característica é de passibilidade, sempre *acontece* a alguém, e faz, por este acontecer, a atualização de uma série de sentidos que irrigam a vida social. Por tal motivo, o acontecimento não pode ser pensado somente como apenas atrelado a um tempo presente, nem como atrelado a relações de causalidade. No acontecimento estaria “o tempo que se dá a ver”, um enredamento de temporalidades, significados e ações sociais. E, nesse sentido, o acontecimento jornalístico pode ser visto também como aquele que permite reconhecer o tempo presente em suas dimensões e camadas.¹⁷ Não apenas na superficialidade presenteísta que lhe é sugerida e muitas

¹⁶ A reflexão de Burke baseia-se numa ideia importante que diz, no campo da História, de uma valorização das ambivalências, uma quebra com os dualismos teórico e metodológicos.

¹⁷ Para Quéré, uma vez na mídia, o poder de esclarecimento do acontecimento coloca em evidência os campos problemáticos dos quais ele faz parte, podendo contribuir para sua análise e para fomentar o debate público. O que não

vezes praticada pela mídia.

O cruzamento das perspectivas de Burke e Quéré, associadas a uma reflexão mais jornalística presente no pensamento de Barbosa, Mouillaud, Rodrigues, Sodré e Paiva, pode ser indicativo de alguns mecanismos que permitam pensar, de forma crítica e tensionada, sobre outras manifestações jornalísticas que se propõem a realizar uma leitura “mais completa” sobre o real, elegendo temas e trazendo para eles, ao mesmo tempo, uma mistura de fatos, contextos e interpretações.¹⁸ O que se verifica, com destaque, nas revistas especializadas e de periodicidade mais ampla, como *Vida Simples*.

EM VIDA SIMPLES, TEMAS QUE ACONTECEM



Figura 1 – Vida Simples, Capa (Ed. 37, Jan/2006)

SAIA DE CENA.

Um afastamento temporário da rotina ajuda a abrir caminhos, resgatar planos e descobrir aonde queremos chegar (*Vida Simples*, Ed. 37, Jan. 2006, p. 28)

EU SOU VOCÊ AMANHÃ.

Os mais velhos advertem: aproveite a vida, não leve tudo tão a sério e busque mais o prazer. Eles sabem o que falam (*Vida Simples*, Ed. 37, Jan. 2006, p. 39)

Os dois trechos acima referem-se aos títulos e subtítulos da matéria de capa e da

significa, lembra o autor, que isso seja efetivamente alcançado pelos meios de comunicação.

¹⁸ Uma ideia interessante nesse sentido, relacionada à história do presente, mas ligada também a um fazer jornalístico – que de certa forma ajuda também a tensionar o viés interpretativo – é a do papel, na sociedade, do intelectual, tal como pensava Michel Foucault (2008).

seção *Vida Simples* da edição de janeiro de 2006, cuja capa dizia: “DÊ UM TEMPO. Vale a pena dar uma pausa para rever sua rotina e colocar em prática seu projeto de vida. Saiba como usar esse período para sair do piloto automático – e voar mais longe”. A página, toda em azul, um “azul anil” de céu, com efeito de profundidade, tem como única imagem o desenho de um “teco-teco” estilizado (Figura 1).

Essa “voz jornalística” é complementada pelas palavras do Editorial e pelas cartas dos leitores, da edição seguinte. No editorial, “voz oficial da revista”, explica-se, do ponto de vista da “mudança interior”, a necessidade de “darmos um tempo para nós mesmos”, de termos um período sabático:

[...] na capa desta edição resolvemos estampar este conceito com um aviãozinho, daqueles que povoam nossas lembranças de infância. Ao viajarmos para um país distante ou para uma cidadezinha perdida em algum rincão do país, é natural que a gente se sinta livre do cotidiano e comece a enxergar o nosso próprio mundo sob a ótica do viajante (*Vida Simples*, Ed. 37, Jan. 2006, Carta ao Leitor, p. 14).

Nas cartas dos leitores da edição de número 38, de fevereiro de 2006, a fala de uma “nova assinante” da revista, enviada por email é estampada:

DÊ UM TEMPO. *Vida Simples* me caiu no colo como sugestão de um amigo e não consegui resistir, fiz uma assinatura. Acredito que a edição 37 está completamente voltada para o que eu quero: ‘Dar um tempo’. Fui dispensada há poucos meses do meu trabalho e foi aí que resolvi tirar um tempo para mim e fazer um sabático. Estive por conta desse emprego longe da família, e agora estou de volta ao lar (Adriana Manczak, *Vida Simples*, Ed. 38, Fev. 2006, Cartas, p. 10).

Este três exemplos (títulos, editorial e mensagem do leitor) formam um circuito que, de forma bastante significativa, contempla uma série de elementos que sustentam a revista e que dizem de sua forma (processos que incidem sobre temas) e conteúdo (temas que incidem sobre processos). Tal circuito explicita, de forma exemplar, como, ao longo de suas 78 edições já publicadas, a revista fragmenta a qualidade de vida em uma série de subtemas (construindo pautas e agendando certos assuntos a seus leitores) e, sobre os mesmos, mais que dizer “o que foi” ou de explicar “como são”, assume uma postura indicativa sobre um “como pode/deve ser”.

No entanto, por operar jornalisticamente, a publicação “foge” à lógica dos tradicionais manuais, guias e obras terapêuticas de auto-ajuda, engendrando uma série de recursos outros para falar da temporalidade contemporânea. Ao falar deste momento de “crise” subjetiva e social, a revista parece tratar da qualidade de vida “desconstruindo” seu caráter presenteísta, tentando ultrapassar, de alguma forma, aquilo que lhe seria superficial. Assim, mesmo assumindo uma postura “manualista”, dizendo ao seu leitor sobre maneiras de se lidar com a realidade que o

cerca – o que traz implicações críticas para a análise do conteúdo aí elaborado –, do ponto de vista jornalístico um processo outro também ganha relevância.

Se a qualidade de vida, ao incorporar e ser incorporada pela lógica jornalística da revista, faz esta, simultaneamente, se revestir de uma outra especialização (a que pede uma intervenção no mundo); faz também, ao mesmo tempo, com que um tema específico assuma um caráter temporal. De um ponto de vista jornalístico, é como se temas passassem a “acontecer”, enquadrando-se, dada a necessidade que se tem de explicá-los, em lógicas temporais, evocando, assim, algumas lógicas “originariamente acontecimentais”.

Sob essa ótica, o acontecimento vem à tona, na revista, pelos próprios temas, assumindo, no entanto, uma outra dinâmica jornalística, que difere da sua presença “extraordinária” habitual e que se faz notável por (e de) outra maneira. É como se disséssemos que, em *Vida Simples*, no escopo do que se diz e se pretende dizer (a partir do mapeamento das seções e de seus conteúdos) tivéssemos um misto de “acontecimentos visíveis” (uma vez que a revista mantém seu vínculo com o atual e releva também um “gancho” jornalístico)¹⁹ e “acontecimentos invisíveis” (relativos à experiência do e no mundo)²⁰, formando, a nosso ver, a cobertura de “acontecimentos sensíveis”²¹, diretamente ligados e constituídos por um misto de conteúdos (fontes, temas, textos e imagens) e práticas (jornalísticas e pessoais) que objetivam aspectos subjetivos e intersubjetivos da contemporaneidade (tanto do ponto de vista de uma experiência individual, quanto coletiva).

É nesse sentido que a temática da qualidade de vida “resgatada” de seu devir social, quando materializada na revista, parece contribuir para a formação de algumas singularidades jornalísticas. Em outras palavras, o processo de “educação e entretenimento” (Scalzo, 2004) por ela formado, transcende seu nicho temático, dando a ver, de um ponto de vista investigativo, aquilo que lhe é anterior: o seu próprio processo jornalístico (sua “revistação” sobre o bem-viver).²² O que se relaciona, em muito, às afetações originárias de sua natureza temática, complexificadas numa dinâmica que condensa uma dimensão jornalisticamente “temária” à dimensão socialmente “acontecimental”, dando aos conteúdos “estáticos” uma certa temporalização. Assim, estes “temas que acontecem” configuram uma lógica associativa entre assuntos e temporalidades e, ao mesmo tempo, configuram um “acontecer jornalístico especializado” que, nos termos de Quéré (2005), podemos dizer, aciona (à sua maneira) uma “hermenêutica” específica, tematizando e fazendo emergir, de forma interpretativa, certos “campos problemáticos” da sociedade.²³

¹⁹ Denotados principalmente pelas seções e matérias de serviços (seções fixas).

²⁰ Denotados principalmente nas reportagens e em seus conteúdos (capa e seções esporádicas).

²¹ A construção dessa ideia está sendo realizada em nossa pesquisa a partir das contribuições teóricas fomentadas por teorias e estudos que, na Comunicação, têm pensado em conjunto sobre questões estéticas e interacionais (relevando a dimensão relacional da experiência cotidiana).

²² Sobre a ideia de “revistação”, ver Tavares (2008).

²³ Sobre os acontecimentos e campos problemáticos, diz Quéré: “Muitas vezes, porém, um problema é formado de uma multiplicidade de elementos constitutivos, dispostos numa relação de integração, ao mesmo tempo que se entrelaça com

Isso se dá tanto no que diz respeito às reportagens interpretativas – objeto central de uma revista especializada²⁴ –, quanto no que diz respeito à materialidade (as maneiras como o meio relaciona-se com o tema na paginação, layout e na forma do texto, assim como na configuração de suas seções fixas e esporádicas) e aos leitores da publicação. E é na compreensão da reunião de todos estes processos (“temários” e “acontecimentais”), na globalidade comunicativa da revista (interna e externa), que se percebe a dinâmica acionada pelo tema e condicionada por *Vida Simples*.

No desenvolvimento de nossa pesquisa, será da observação sistemática sobre a natureza da publicação e do reconhecimento do jornalismo que nela se faz que buscaremos o significado do que seria, hoje, “viver mais e melhor” para o jornalismo de revista aqui contemplado. Mais que isso, verificando as operações e incidências existentes entre a 1) qualidade de vida e o 2) jornalismo de *Vida Simples*,²⁵ buscaremos alcançar não só o significado da primeira, mas as operações que envolvem e constituem, jornalisticamente, o segundo. Uma produção de sentidos cujo processo vale ser pensado, também, para outras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Paidós: Barcelona, 2005.
- BARBOSA, Marialva. “O acontecimento contemporâneo e a questão da ruptura”. In: *Semiosfera – Revista de Comunicação e Cultura*. Rio de Janeiro, volume 2, número 1, maio de 2002. Disponível em: www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera02/. Acesso em 13 de agosto de 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.

outros problemas conexos. Podemos falar, então, de um campo problemático. Diversos campos problemáticos constituem, assim, a trama da vida de um indivíduo num dado momento (problemas de saúde, de trabalho, de casal, de filhos, de dinheiro, etc.. Problemas ligados aos diversos empenhamentos e às iniciativas lançadas. O mesmo para a vida de uma coletividade, qualquer que seja a sua extensão (uma família, um laboratório de investigação, uma universidade, uma coletividade territorial ou nacional, uma comunidade religiosa, etc.). Tal como se integram nas intrigas, contribuindo para o seu desenvolvimento, os acontecimentos ganham um lugar em campos problemáticos e servem, pelo seu poder de esclarecimento e de discriminação, de *pivots* dos inquiridos que procuram e elaboram soluções” (Quéré, 2005, p.72).

²⁴ No caso de *Vida Simples*, um fator atuante em tal característica diz respeito à sua periodicidade mensal. Sobre isso ver Tavares (2008).

²⁵ O que diz do caminho investigativo indicado neste texto.

- BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In: _____. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- COIMBRA, José de Ávila Aguiar. “Considerações sobre o conceito de qualidade de vida”. In: *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, N.4, 1972. p. 261 – 276.
- FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. Buenos Aires: La Crujía, 2006.
- FOUCAULT, Michel. “As reportagens de ideias”. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. *Ilha do Presídio: uma reportagem de ideias*. Porto Alegre: Libretos, 2008.
- FRANÇA, Vera. *Jornalismo e Vida Social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho D’Água, 2001.
- MIRA, Maria Celeste. “Cultura e Segmentação: um olhar através das revistas”. In: SILVA, Ana Amélia da; CHAIA, Miguel (orgs.). *Sociedade, cultura e política: ensaios críticos*. São Paulo: EDUC, 2004.
- MOUILLAUD, Maurice. “A crítica do acontecimento ou o fato em questão”. In: MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Ed. UNB, 2002.
- QUÉRÉ, Louis. “Entre fato e sentido: a dualidade do acontecimento”. In: *Trajetos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. “O Acontecimento”. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.
- RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

SARMATZ, Leandro. Entrevista concedida a Frederico de Mello B. Tavares em setembro de 2008.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2004.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. “Sobre o fato e o acontecimento”. In: *Trajetos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa, nº 6, 2005, p. 95-100.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. “*Revista e Vida Simples: complexidades na relação jornalismo e qualidade de vida*”. Relatório de Qualificação de Doutorado. São Leopoldo, UNISINOS - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão Tavares; SCHWAAB, Reges T. “O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista”. In: *Anais do XVIII Encontro Anual da Compós*. Belo Horizonte: PUC-MG, 2009.

TRAQUINA, Nelson. “O paradigma do agenda-setting: Redescoberta do poder do jornalismo”. In: *Revista Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Cosmos, número 21 e 22, 1995.

FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES é doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde integra o Grupo de Pesquisa “Estudos em Jornalismo”. É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. É jornalista e mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br.

Submetido: 04/04/2009.

Aceito: 18/06/2009.